

FAMÍLIA ÀS AVESSAS? UMA REFLEXÃO EM TORNO DA HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA*

*Francisco Gleison da Costa Monteiro***

RESUMO: A partir da metodologia da História Oral e Memória, foi possível analisar as relações de sociabilidade de mulheres que dividem suas ocupações entre os afazeres domésticos, a família e a vida no meretrício. O contexto histórico, desenrolado numa Zona de Baixo Meretrício na cidade de Tianguá-Ceará — fechada no ano de 2002 pelo Juizado da Infância e Juventude —, nos permite trazer à tona o viver e o conviver na família das meretrizes.

PALAVRAS-CHAVE: História Oral. Família. Cotidiano.

ABSTRACT: From the methodology of Oral History and Memory, it was possible to analyze the relations of sociability of women who divide their occupations between the domestic tasks, the family and the life in the prostitution. The historical context, uncurled in a Zone of Low Prostitution in the city of Tianguá-Ceará closed in the year of 2002 by the Court of Infancy and Youth allows us to bring out, the life and coexisting in the family of the prostitutes.

KEYWORDS: Oral History. Family. Daily.

* Este texto é parte do segundo capítulo de minha dissertação de mestrado, intitulada *A cidade e o meretrício: trilhas e memórias do mundo da cancela: Tianguá-Ceará — 1950-2002*, orientada pelo Prof. Dr. Franck Pierre Gilbert Ribard. Mestrado em História, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2004. Para este artigo, exponho uma discussão revisada e ampliada em torno das análises das narrativas orais na História Social, em que agradeço à Prof^a. Dra. Regina Ilka Vieira Vasconcelos pela leitura e sugestões. Estas reflexões foram, também, apresentadas no Simpósio Temático “História, historiografia e fontes orais: temas, abordagens e perspectivas de investigação”, durante o XXV Simpósio Nacional de História, realizado em Fortaleza-Ceará, no período de 12 a 17 de julho de 2009.

** Professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral-Ceará. Mestre em História Social – UFC.

A História, presa durante muito tempo à visões gerais das sociedades, agora, nas últimas décadas, direciona-se para casos particulares. Neste aspecto, o trabalho do historiador ganha complexidade e passa a narrar fatos de “pessoas comuns”.¹ A importância de narrar esses fatos e experiências individuais e coletivas de vida cresce, e se faz imprescindível, por não estarem realmente integrados aos “grandes acontecimentos”. Neles é possível perceber elementos não explícitos na história global, dando outra visibilidade às trajetórias de grupos marginalizados pela sociedade e por certa historiografia.

Neste caso, o universo da prostituição encontra, neste artigo, espaço reservado para a compreensão entender das complexas relações entre familiares no meretrício. Por isso, é possível notar que o objeto historiográfico tornou-se também complexo, e as diferenças e particularidades identificadas nas experiências femininas e masculinas são elementos que trazem à tona, um imbricado jogo de poder, símbolos e códigos que definem facetas e atribuições no cotidiano da prostituição.

A pesquisa que realizei entre os anos de 1999 e 2002, cujo título define-se como “A cidade e o meretrício: trilhas e memórias do mundo da cancela”, permitiu cercar as problemáticas da pesquisa a partir de reavaliações do processo metodológico, apontar outros direcionamentos no sentido de redefinir temas, confrontar-me com a desconstrução de certezas e reconhecer a nossa prática como uma função diversa na lida com os materiais que selecionamos.²

A partir da metodologia da História Oral e Memória, foi possí-

¹ HOBBSAWM, Eric J. A outra história: algumas reflexões. In: KRANTZ, Frederick (org.). *A outra história: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990, pp. 19-33.

² Destaco como importante momento para esta reflexão a disciplina de Seminário de Pesquisa, ministrada pelo Professor Doutor Franck Ribard, no semestre de 2001.2, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará. No momento da socialização da pesquisa, tive meu projeto avaliado pelos Professores Doutores Gilmar de Carvalho e Ivone Cordeiro Barbosa.

vel analisar as relações entre a família e os papéis femininos desenrolados em uma Zona de Baixo Meretrício na cidade de Tianguá-Ceará.³ Antes da seleção dos entrevistados, realizei vários Diários de Campo,⁴ ou seja, visitas à zona do meretrício, no bairro Governador Ferraz, procedimento que me aproximou dos atores e me possibilitou observar o cotidiano e o processo de organização dos bares. De fato, a partir de 1990, a “zona” passa por um período de degradação física e se rende ao mercado imobiliário, a metade dos bares é vendida. Neste contexto, podemos notar que o meretrício encontra-se dentro da cidade e não mais em lugar isolado, chamando a atenção da vizinhança que o observa como lugar de “práticas libidinosas”. As meretrizes, agora notadas, passam a ser vigiadas em virtude da prática de exposição e comercialização do corpo.

Hoje, reavaliando meu processo investigativo, e de como analiso as práticas dos sujeitos selecionados para esta pesquisa, procuro expor algumas considerações acerca das narrativas orais na história social e seus desdobramentos teórico-metodológicos na ação do pesquisador, que, ao buscar materiais empíricos para análises, não está tratando apenas de procedimentos técnicos isolados das práticas sociais, mas ampliando a noção de história, cultura e sujeito.

Após a defesa da dissertação, vi-me aberto para comparar o processo inicial da pesquisa e do rumo teórico-metodológico que tinha construído durante a elaboração da escrita. Portanto, perce-

³ O município de Tianguá, pertencente à Região Administrativa 5, está situado na Chapada da Ibiapaba, à Noroeste do Estado do Ceará, à 314 Km de distância de Fortaleza. É cortado por dois entroncamentos rodoviários: à BR-222, Rodovia Federal, a CE-187, a Rodovia Estadual.

⁴ A indicação da elaboração de Diário de Campo foi uma sugestão de meu orientador. Aqui registro que ainda procuro avançar nos debates para expor a possibilidade que temos ao utilizar o recurso de diário de campo para ampliar as discussões entre História e Antropologia. Procuro realizar este exercício a partir do que aponta Carlo Ginzburg. Cf. GINZBURG, Carlo. O inquisidor como antropólogo: uma analogia e as suas implicações. In: _____. *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991, p. 203-14.

bi que as escolhas teórico-metodológicas não são opções ingênuas, mas políticas. Há, portanto, que ponderar os processos de amadurecimento intelectual e das incursões que foram dadas à minha formação durante o término do mestrado. Na busca pelo confronto de avaliar nossa prática, enquanto historiadores que somos, fui enveredando por outras leituras e ao mesmo tempo avaliando em que eu podia avançar para levantar problematizações sobre a pesquisa histórica como uma prática social. Uma das principais leituras que me ajudaram neste exercício foi a publicação do livro *Muitas memórias, outras histórias*, organizado pelos professores Déa Ribeiro Fenelon, Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida e Yara Aun Khoury.⁵

Esta mudança de foco me fez procurar como as histórias e memórias foram ressignificadas, de forma estratégica, por mulheres e homens que entrevistei. Daí voltar à estas entrevistas me direcionou para olhar o passado e sua relação com o presente e notar o movimento dos processos sociais que são estruturados a partir das experiências de diversos sujeitos que postulam os modos de ser e viver a cidade. Ao mesmo tempo, fui procurando dar “vitalidade crítica e que buscasse não só a retrospectiva, mas a prospecção, dinamizando as relações entre memória e história”.⁶

A apropriação desta mensagem me fez perceber a possibilidade de analisar as relações familiares das meretrizes dentro de um contexto social que é composto pelas próprias experiências de

⁵ Cf. FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004. O livro sintetiza as reflexões teóricas construídas no projeto PROCAD. O Programa Nacional de Cooperação Acadêmica reuniu historiadores de diferentes instituições de ensino superior: Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Católica de Salvador e Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis). Desenvolvido no período de 2001 a 2004, promoveu um intercâmbio entre pesquisadores no sentido de sistematizar o diálogo em torno de questões relacionadas à memória e à história.

⁶ FENELON, Déa Ribeiro; CRUZ, Heloísa Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Introdução. In: FENELON, Déa Ribeiro e outros (Orgs.), *op. cit.*, p. 6.

vida dessas mulheres. Por exemplo: o transeunte comum, ao passar por uma Zona de Baixo Meretrício, não consegue visualizar a luta que estas mulheres travam para sobreviver. Para alguns, são mulheres que vivem da “vida fácil”, da improvisação, sem compromisso com os embates políticos que pleiteiam os gestores municipais para ampliarem a malha urbana e criarem espaços para os lazeres. Se olharmos pelo ponto de vista de uma abordagem historiográfica de perfil conservador, que nos reserve um olhar hierarquizado para a sociedade, talvez esta possa ser a nossa única interpretação, mas se olharmos como estas mulheres e outros segmentos sociais excluídos da “boa sociedade” se projetam para lutar pela sobrevivência, veremos um contra-discurso; cabe ao historiador analisá-las e confrontá-las. É por estes vieses que as histórias e memórias podem se entrelaçar e ser tomadas como estratégias de luta e de luta política.

Ao tendermos a nos perscrutar sobre estas estratégias, veremos que é possível avançar na tentativa do reconhecimento da diversidade de nossas práticas e de como os nossos entrevistados em determinados momentos se conflitam com as regras metodológicas que criamos para padronizar suas linguagens e comportamentos. Até parece que conseguimos esses feitos, mas não como gostaríamos, pois para Alessandro Portelli:

O caminho do pesquisador se cruza com o caminho do narrador em momentos imprevisíveis, e a história de vida coletada é o resultado dessas eventualidades. É claro que o pesquisador pode ter planejado o encontro, mas o entrevistado não. Normalmente, não há motivo inerente na vida dos narradores para que pesquisadores batam à sua porta em algum momento específico.⁷

Consideremos, no entanto, que as experiências, verbalizadas no ato da entrevista, cujo exercício é mediado pela construção de um discurso coletivo pautado pela relação entre entrevistador/en-

⁷ PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”. Funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro e outros (Org.), *op. cit.*, p. 298.

trevistado, compartilham histórias, expectativas de vidas, projetos, que são tomadas não como simples narrativas, mas como um conjunto de problemáticas que estão inseridas dentro do contexto social e cultural do qual faz parte o sujeito narrador.

Procurando fugir dos esquemas explicativos e indagando sobre os sentidos que os sujeitos dão aos rumos dos processos sociais, é que, na visão de Yara Khoury, devemos ir

abordando a história como um processo construído pelos próprios homens, de maneira compartilhada, complexa, ambígua e contraditória, o sujeito histórico não é pensado como uma abstração, ou como um conceito, mas como pessoas vivas, que se fazem histórica e culturalmente, num processo em que as dimensões individual e social são e estão intrinsecamente imbricadas.⁸

Esse exercício nos leva a notar a necessidade de praticarmos uma história com um olhar político e nos livrarmos dessa história abstrata e intelectualizada.⁹ Por isso, o objetivo de expor neste artigo o uso da metodologia da história oral para interpretar a história de pessoas comuns — não tão comuns assim — possa nos levar às indagações: qual o significado das abordagens empíricas de narrativas orais na construção de fontes para o trabalho do historiador? Como estamos lidando com estes materiais? Quais dificuldades enfrentamos no ato de entrevistar, transcrever e analisar estas narrativas? São questões que merecem ser avaliadas a partir do lugar da fala destes sujeitos, para que seja possível reconhecermos a diversidade cultural que cada entrevistado expõe e como imprimem as peculiaridades que lhes são próprias.

⁸ KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da História Social. *Projeto História*. São Paulo, n. 22, p. 79-103, jun. 2001, p. 80

⁹ FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História Social: historiografia e pesquisa. *Projeto História*. São Paulo, n. 10, p. 73-90, dez., 1993, p. 74. Sobre o “olhar político”, ver SARLO, Beatriz. Um olhar político em defesa do partidarismo na arte. In: _____. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: Edusp, 1997, p. 55-63.

O lugar social que procuro interpretar é formado por uma Zona de Baixo Meretrício – ZBM, que foi fechada no ano de 2002,¹⁰ pelo Juizado da Infância e Juventude, que “justifica” o fechamento com a preocupação de “cuidar” da moralidade pública e impedir o crescimento dos estabelecimentos ilegais, observando que o meretrício, “lugar de luxúria”, é crime contra os costumes. A partir do discurso judicial, encontramos o mote desta pesquisa para trazer à tona o viver e o conviver na família das meretrizes.

O tema surge, nesta pesquisa, a partir do momento que notamos nas entrevistas, o silêncio das meretrizes, relutantes em narrar sobre as relações familiares. Neste caso, passamos a encarar o silêncio como um artifício do discurso narrativo, que diante de tantas diversidades no mundo da prostituição, merece alguns questionamentos: o que explicitam os silêncios dessas mulheres? O que expressam sobre as relações familiares? O que revelam ou negam das experiências da vida cotidiana? Quais relações existem entre mãe, filhos, amásios e outros parentes? Enfim, restamos uma atitude: ouvir as narrativas dessas mulheres e tomá-las com o intuito de entender as constituições das relações culturais na complexa urdidura do meretrício, compreender os modos de vida de homens e mulheres que, por diferentes razões, formam a teia deste trabalho; seja pela forma com que lidam com o cotidiano e com o uso da “memória como campo de disputa e instrumento de poder”.¹¹

Essas indagações passam a ser associadas a certos estereótipos e implicações que cercam a vida familiar das meretrizes. Por que as famílias das meretrizes são consideradas “às avessas”? Pela disparidade de viver em uma sociedade de homens em famílias chefiadas por mulheres; pelos discursos oficiais/institucionais que negam a essas mulheres a responsabilidade de criar filhos, pois são consideradas pessoas “ociosas”, “desacreditadas”,

¹⁰ Ver: Portaria N.º 01/2002, Juizado da Infância e Juventude da Comarca de Tianguá – Ceará.

¹¹ KHOURY, Yara Aun. *Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história*. In: FENELON, Déa Ribeiro e outros (Org.), *op. cit.*, p. 118.

que não apresentam comportamento nem condições “morais” de criar sua prole.

No entanto, podemos notar através dos diários de campo,¹² que a vida cotidiana no prostíbulo estava atrelada a diversos afazeres. Como líder familiar, as mulheres trabalhavam arduamente durante as madrugadas para atender as despesas do lar e de outras necessidades da casa e, durante o dia, sobretudo no período da tarde, desempenhavam os fazeres domésticos.

Em *A família da prostituta*, de Jeferson Afonso Bacelar, podemos notar quais características e funções ocupadas por mulheres prostitutas dentro do ambiente doméstico: “na família da prostituta, a mãe exerce a autoridade e a liderança sobre todos os membros do grupo. É ela quem dirige todas as atividades do grupo, definindo a configuração da organização do grupo doméstico”.¹³

Nas linhas que seguem, procuro expor algumas narrativas para interpretação e o leitor encontrará nas notas de rodapé o nome das entrevistadas apenas com as letras iniciais. Essa foi a condição exigida pelas entrevistadas e que prontamente aceitei, no sentido de preservar não somente a privacidade destas mulheres, mas por ver, neste pedido, uma ação política e consciente do papel que exercem dentro da sociedade.

Espero que a escolha desta opção não atrapalhe o leitor a interpretação teórico-metodológica da história oral, pois foi importante o processo de ouvir as narrativas de mulheres que enfocam outro conceito de relação familiar que não seja aquela estrutura estabelecida pela igreja e pelo estado e ao fazê-lo, na visão de Beatriz Sarlo, descubram tendências que questionam ou subvertem a ordem.¹⁴

Portanto, no conjunto de narrativas, foi possível notar que a

¹² As observações registradas no Diário de Campo datam de 27 de outubro e 03 de novembro de 2001.

¹³ BACELAR, Jeferson Afonso. *A família da prostituta*. São Paulo: Ática, 1992, p. 30.

¹⁴ SARLO, Beatriz. *Um olhar político em defesa do partidarismo na arte*. In: _____, *op. cit.*

abordagem sobre a família é relatada com argumentos retrospectivos, onde a fala é contextualizada a partir de tempos que remotam à convivência com os pais. Essa estratégia nos faz perceber como estes artifícios tensionam, contradizem e as levam a escolhas políticas, por vezes consideradas ambíguas, mas que nos remetem a outros tempos, ressignificando o conceito de família com questões postas pelo presente. Veja, abaixo, esta narrativa:

Quando eu lembro da minha vida com os meus pais é maravilhoso, mas esse tempo foi só até os meus 14 anos [no semblante, um silêncio]. Depois vi que esse negócio de ficar preso no rabo da saia da mãe não combinava comigo. Chega um dia que a gente tem que dar um rumo na vida. Então, aqui é o rumo que eu escolhi. Minha família agora é só dois filhos e o macho que vive comigo. Meus filhos é a razão da minha existência, enquanto que o meu macho não me ajuda muito, mas é minha família.¹⁵

Quais tempos a entrevista nos permite analisar? Como os tempos são contextualizados nas narrativas? Quais histórias são contadas e notadas como fazedoras da vida no passado? Como o presente interfere nessas lembranças?

Diante dessas indagações, percebemos o movimento presente-passado-presente, notamos que o presente está contido no passado, a partir do momento em que a meretriz “lembra-se” que o “tempo” vivido com os seus pais é diferente do hoje. Existe aí, na perspectiva apontada por Portelli, um tempo que é *continuum*, em que o enredo montado “constrói a identidade do narrador e o legado que ela ou ele deixa para o futuro”.¹⁶

O “rumo” de vida, referente às relações familiares escolhido pela meretriz diverge do de seus pais — formado por mãe, pai e filhos, estilo de família patriarcal, cuja relação era legitimada pelo

¹⁵ Sra. L.B.M, 45 anos, meretriz, residente no bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 09 abr. 2002.

¹⁶ PORTELLI, Alessandro. *op. cit.*, p. 306.

casamento.¹⁷ O passado reserva-lhe um “modelo” familiar, mas, no presente, a meretriz busca como referência familiar, além das lembranças do convívio com seus pais, os filhos e o amásio que mantinha, há dois anos, no meretrício. Os filhos são, de fato, seus companheiros, enquanto o amásio, uma pessoa dependente da bebida alcoólica e desempregado, além de não ter como ajudá-la nas despesas do lar, a faz contrair outras.

Neste caso, notamos que os tempos passado/presente se re-fazem, são constituídos por teias que engendram ramificações indefinidas sobre as relações familiares, uma vez que é na família de seus pais que ela visualiza a sua própria, ou pelo menos demonstra almejar que assim seja. Para além do passado que a leva a preservar um sentimento familiar que vem do convívio com seus pais, o “tempo presente” a faz referenciar como — “minha família” — a convivência que podia ser medida na relação que desempenhava com os filhos e com o amasiado.

Em face da relação entre meretrizes e amásios, observa-se que, embora sejam parceiros que não ajudam a dividir as despesas domésticas, essas relações são referenciadas com ufanismo, basta nos atermos à expressão “meu macho”. O sentido dado à referência masculina é a de uma presença “necessária” nos tratos das questões familiares.

Para exemplificar outras semelhanças, citamos Socorro Osterne que, embora apresente diferenciação nos grupos familiares que analisa em bairros de Fortaleza, também percebe que este comportamento é comum nas famílias de baixa renda:

Essa valorização do masculino, inclusive, aparece de maneira muito forte, também, nas famílias chefiadas por mulheres. De fato, essas famílias, mesmo que expressem o deslocamento dos padrões

¹⁷ Sobre esse debate ver: OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti de. Assim caminha a família brasileira: indicações sobre o quadro empírico. In: _____. *Economia familiar: uma olhada sobre a família nos anos 90*. Viçosa: UFV – Imprensa Universitária, 1996; e SARACENO, Chiara. *Sociologia da família*. Portugal: Editorial Estampa, 1988.

hierárquicos predominantes, não conseguem superar as assimetrias de gênero. A dimensão simbólica que sustenta essa assimetria continua presente, mesmo nas famílias onde o homem já não esteja presente ou que não dependam deles para o seu sustento.¹⁸

Ao mesmo tempo em que consideramos não poder tomar as relações analisadas por Osterne como “modelo”, destacamos alguns elementos enquanto indícios para se pensar as possibilidades de problematização referente ao conceito de família.

Nesse momento, vislumbramos a importância da história oral e dos processos de constituição e de reconstituição de memória¹⁹ como campos privilegiados para a reconstrução dessas relações, principalmente se direcionarmos as análises em torno do termo cultura como todo modo de ser, aqui pensada dentro de uma visão thompsoniana.²⁰ É por esta via que propomos avançar na análise e enveredar pelas dimensões apontadas por Khoury, ao abordar que: “... a cultura não é pensada como curiosidade ou exotismo, mas enraizada na realidade social, impregnada de um sentido intenso, por meio da qual as pessoas se expressam, reagem exercendo, ou não, suas possibilidades criativas, forjando os processos de mudança social”.²¹

Essa observação relaciona-se com a estratégia escolhida nessa pesquisa em torno dos pontos de reflexão e junção entre “o narrado e o vivido”, em busca de memórias do vivido nas relações familiares.²²

¹⁸ OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. *Família, pobreza e gênero: o lugar da dominação masculina*. Fortaleza: Eduece, 2001, p. 208.

¹⁹ Cf. ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun História oral e memórias. Entrevista com Alessandro Portelli. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 25 e 26, p. 27-54, jul./dez. 2001/ jan./jul. 2002.

²⁰ Cf. THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

²¹ KHOURY, Yara Aun, *op. cit.*, p. 80.

²² Cf. RONDELLI, Beth. *O narrado e o vivido: o processo comunicativo das narrativas orais entre pescadores do Maranhão*. Rio de Janeiro: Funarte/Ibac, Coordenação de Folclore e Cultura Popular, 1993.

Vejamos na entrevista a seguir como essas memórias das relações familiares são tomadas como referência, nas quais, sem a presença do “macho”, a família restringe-se à convivência com os filhos:

A família que o meu pai tem é muito unida, somente eu é que fui a ovelha desgarrada. Comecei a trepar muito cedo, então saí logo de casa. Mas agora, depois de vinte anos no cabaré, eu tive dois filhos e eles são a minha família. Os meus filhos são tudo pra mim, é o meu ponto de apoio.²³

A convivência é formada pela meretriz e pelos dois filhos. Sem a presença masculina, ela é a responsável por todas as despesas da casa, os meninos só ajudam financeiramente quando prestam serviços à terceiros ou vendem quinquilharias pela cidade. Os filhos representam os legítimos membros da família, são eles quem dinamizam o ambiente, formando o verdadeiro sentimento de família tão propagado na fala das meretrizes.

Nesse aspecto — “sentimento familiar”²⁴ —, a convivência doméstica do meretrício se apresenta como função importante para prover o bem-estar social da família que, diante dos diversos papéis que enfrenta, é fator necessário como ponto de apoio aos problemas e também de resistência. Este aspecto desencadeia o ritmo centrado em momentos íntimos, tidos pelos membros (filhos e outros parentes) como importantes para a paz familiar.

Em outra entrevista, nota-se que a formação das famílias das mulheres não está ligada somente à convivência com os filhos ou amásio. A presença de parentes (primos e outros consanguíneos) representa uma extensão familiar. A entrevista abaixo indica questões pontuais de convivência entre parentes no meretrício:

Comigo, além dos meus dois meninos, mora uma prima que tá com

²³ R.O.R., 53 anos, meretriz, residente no bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 04 maio 2002.

²⁴ Cf. AMARAL, Célia Chaves Gurgel do. *Família às avessas: gênero nas relações familiares de adolescentes*. Fortaleza: Edições UFC, 2001, p. 37.

a gente faz dois anos. Ela me ajuda muito, ficou muitas vezes com o menino enquanto eu tava atendendo os clientes. Então, a minha família era só nós quatro. Também não era só eu que tinha parente no cabaré não, as outras meninas também tinham.²⁵

Essa relação aparece como algo muito comum na “zona”: mesmo habitando espaços pequenos, percebemos a possibilidade da meretriz de dividi-los com outras pessoas da família. A maioria dos parentes que se aproximam das meretrizes é de mulheres. Muitas delas saem da casa dos pais por motivos de pobreza, violência doméstica, falta de emprego, dentre outras situações. O que atrai parentes para o convívio com as meretrizes é a afinidade que havia entre elas. A localização da cidade de Tianguá também beneficia a vinda de parentes, pois, localizada em eixo de trânsito, acaba facilitando o deslocamento para o ambiente da prostituição.

A agregação dos filhos e parentes, no meretrício, vem formar a extensão familiar que constitui a noção e a experiência de família das meretrizes.

Por outro lado, existem casos em que algumas meretrizes não têm filhos nem parentes, mas dividem o espaço com as “companheiras de quarto”. Neste caso, as meretrizes admitem que a convivência com as companheiras de quarto representa esse sentimento familiar:

Quando eu estava morando na zona eu não tinha ninguém da minha família morando comigo, né... Não tinha filhos e nem parentes comigo. Mas também não me sentia sozinha não, as meninas que dividia o quarto comigo era a minha família, né... Mais nunca é como a família da gente mesmo... Mais elas me ajudavam muito, mim emprestavam roupas, dinheiro e a gente dava conselhos uma pra outras. Às vezes a gente brigava mesmo, mas é coisa normal, né.²⁶

²⁵ A.T.S., 31 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Entrevista concedida em 19 out. 2002.

²⁶ Sra. L.B.M, 45 anos, meretriz, residente no bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 09 abr. 2002.

A questão familiar vista pelas meretrizes é composta por relações complexas e a fragmentação, no ato de procurar definir o sentimento familiar, indica uma estratégia para fugir dos esquemas tradicionais, que definem as relações familiares na estrutura pais/filhos, mediadas pelo casamento civil e/ou religioso. Na visão das meretrizes, são os atos que definem a relação familiar: os conselhos, a troca de favores, empréstimos de objetos... Mas as regras são rígidas no que diz respeito aos “códigos” para a boa convivência: em caso de traição, falsidade e roubos, existe uma ruptura nessa relação. Diante desses aspectos, observa-se que, mesmo sendo possível construir esse “sentimento familiar” dentro do meretrício, o passado com os pais volta à tona e é esse tempo que é resguardado nas lembranças: “nunca é como a família da gente. Mas elas me ajudavam muito”.

Essa compreensão está atrelada à complexidade familiar. Célia Amaral observa que as relações familiares modificam-se com novas formas de convívio:

As relações familiares, porém, não são imutáveis em relação ao tempo e ao espaço social. Por isso não se pode pensar ‘família’ como uma ‘estrutura’ definida ou única. Pesquisadores de uma mesma disciplina ou de disciplinas diferenciadas, concluíram que não se pode falar da ‘família’, mas de ‘famílias’.²⁷

O caráter fundamental dos laços de famílias é um fator presente nos relacionamentos que giram em torno do mundo da prostituição. O espaço doméstico é delimitado, ao mesmo tempo, para a prostituição e convivência familiar:

Quando a gente tava morando na zona, a nossa casa era no bar, né. Aí então, lá a gente acordava tarde. Quando num bebia e não ficava de ressaca, eu levantava e fazia o café dos meninos pra ir à escola. Mas, quando eu tava de ressaca, quem cuidava de fazer o

²⁷ AMARAL, Célia Chaves Gurgel do, *op. cit.*, p. 37.

café, almoço e tudo dentro do bar eram os meninos. Eles faziam de tudo, mas, quando dava, a gente dividia as tarefas.²⁸

Nas entrevistas aparecem frequentes indicações de extremo cansaço relacionado ao trabalho noturno, em conflito com a necessidade de realização das tarefas domésticas ao longo do dia, que terminam sob a responsabilidade dos filhos: no meretrício, as crianças, desde cedo, são submetidas a aprender a fazer as próprias refeições diárias e a arrumação da casa.

O momento de descontração das crianças ocorre, em geral, no período da tarde, quando brincam de bola e desenvolvem outras atividades para “passar” o tempo, quando não estão brincando, prestam alguns “mandados” em troca de dinheiro utilizado para a compra de guloseimas. O horário do almoço, que poderia ser momento único e particular, configura-se, na prática cotidiana dessa família, enquanto ato de realização individual, pois mãe e filhos dificilmente conseguem se reunir à mesa para comerem juntos: o horário “inconveniente” do trabalho da mãe contribui para a separação.

A presença da mãe constitui-se um momento raro, pois aparece somente no período da tarde, quando já tem “matado o sono”, e mesmo assim com pouca demora, em virtude de ter que se preparar para se apresentar logo à noite no meretrício.

Sem as reuniões familiares, os conflitos tornam-se muito frequentes. Porém, a falta de acompanhamento diário não as impede de administrar esses “conflitos”. Muitas decisões tomadas são rígidas e, por vezes, vistas como agressivas:

Quando eu vou pro bar, coloco os meninos pra dormir cedo... sabe...
Aí, eu advirto logo: — Não vão brigar, seus bandos de porra! Se eu chegar aqui e vocês estiverem brigando, vai apanhar todo mundo!
Eu sou assim, mostro logo que eu sou, não dou moleza pra eles não, porque, se deixar, eles montam. Também não é porque é filho

²⁸ F.M.A., 39 anos, meretriz, residente no bairro Catatau. Entrevista concedida em 06 out. 2002.

de puta que vai ficar solto na rua, sem fazer nada, não. Se não tem nada o que fazer, coloco esses filho numa égua pra dentro de casa e vão dormir.²⁹

O controle familiar é levado pela mãe com muito pulso e veemência, como demonstração de que a ausência masculina não a influencia e não incomoda. A formação dos filhos parece seguir sem interferências. As advertências antes de sair para o trabalho são constantes e quase suficientes para manter a disciplina na casa. E, quando não é possível manter a organização e dirimir os conflitos, o filho mais velho fica autorizado para resolução dos casos.

Retomando a entrevista de C.M.A., citada anteriormente, vemos que, no momento em que a meretriz se refere aos filhos, a linguagem é expressa através de um tom disciplinador, autoritário, rígido, porém espontâneo. As palavras como: “porra”, “filho da puta”, “filho de uma égua” e outras expressões correlatas são comuns na comunicação cotidiana nas famílias das meretrizes.

É interessante observar que esses discursos, comuns no meretrício, fora do ambiente são pejorativos e, portanto, evitados, mas, de forma geral, são gírias. Da mesma forma, os filhos também demonstram este comportamento, mas o contato com os colegas da escola e da vizinhança alimenta o silêncio em torno dessas gírias. Essa atitude, segundo Bacelar: “Evitará dizer o que sua mãe faz, onde mora, não levará os amigos até sua casa. São formas de encobrimento utilizadas pelo indivíduo, não mostrando a estranhos a sua situação de vida, como uma maneira de não ser desacreditado pelo grupo”.³⁰

De certa forma, as palavras acabavam formando um código do meretrício. A linguagem, forma de comunicação e de diálogo dessas famílias, torna-se fator principal para notar como essas pessoas se lançavam e se apresentavam como diferentes aos

²⁹ C.M.A., 37 anos, meretriz, residente no bairro Catatau. Natural de Parnaíba-PI. Entrevista concedida em 05 out. 2002.

³⁰ BACELAR, Jeferson Afonso, *op. cit.*, p. 125.

olhos da “boa sociedade”, seja no modo de vestir, andar, falar...

Mesmo tidas as palavras como nefastas para o convívio entre mães e filhos, alguns desses pronunciamentos incorporam-se como formas, maneiras de falar. Na interpretação das meretrizes, essa forma de comportamento não atrapalha a educação dos filhos, pelo contrário, a linguagem é emitida com autoridade e pode levar os filhos a descobrirem, logo cedo, certa autonomia. Diferente de outras famílias, as meretrizes não negam que utilizam a violência se necessário, para disciplinar seus filhos. Se o motivo da violência é justo, não respondem explicitamente, mas justificam enfatizando que todas essas atitudes valem para que as crianças não tenham a mesma “sorte” que elas tiveram.

A partir desse olhar, é possível indagarmos: O que caracteriza o espaço da Zona de Baixo Meretrício? O que os gestores oferecem para quem mora às margens dos centros urbanos? Por que estes sujeitos, e não outros, ficam excluídos de alguns benefícios considerados mínimos para o bem-estar social: escola, saneamento básico, postos de saúde, etc.? Como estas mulheres lidam com a ausência de certos benefícios? Aliás, como os gestores veem estas mulheres? E a comunidade do bairro Governador Ferraz, onde inscreve-se a Zona?

Para o olhar de fora, estas mulheres aparecem apenas como pessoas que vivem de forma desregrada da sociedade, mas quem consegue enxergar para além da instituição de normas disciplinares poderá perceber que o espaço da Zona de Baixo Meretrício é um espaço de disputas, conflitos, perdas, e também de conquistas...

A cidade imaginada pelos gestores até pode excluir as mulheres da Zona, mas a presença delas no bairro e em outros espaços da cidade as torna sujeitos ativos dos processos sociais que engendram a vida cotidiana. E o transeunte atencioso verá que a moradia improvisada em pequenos barracos, alguns ainda como casas de taipa, o campo de futebol das crianças próximo à rodagem da rua José Ferrino Ferreira, a busca pela água em baldes pela vizinhança, são fatores que devem ser analisados a partir da história destas mulheres, para observar que ali está a cidade real.

Isso nos permite avaliar que, na luta pela sobrevivência, es-

tas mulheres elaboram estratégias para serem notadas como sujeitos, que reivindicam os bens e serviços a elas negados, mesmo pela falta de projetos da Prefeitura que não amplia as ações sociais em determinados bairros. É partindo destas análises que vemos as conquistas destas mulheres sendo projetadas na reivindicação de postos de saúde, iluminação pública, água tratada, saneamento básico. Como a reivindicação que encontramos na forma de um abaixo-assinado, no arquivo particular do senhor José Maria Pereira, ex-técnico de enfermagem da Promoção da Mulher,³¹ onde se lê:

Nós, abaixo-assinado, solicitamos à Prefeitura Municipal de Tianguá, representado pelo senhor Tancredo Nunes de Menezes, uma professora para ministrar aulas para as mulheres da ZBM [Zona de Baixo Meretrício], no bairro Governador Ferraz, em um espaço que foi cedido pelo Dom Timóteo [Bispo da Diocese de Tianguá] na Promoção da Mulher.³²

Assim, nas memórias das meretrizes, as disputas políticas aparecem como constantes e os enfrentamentos pela melhoria da vida expressam-se na confrontação do diálogo. Para inquirir sobre a ação do abaixo-assinado, é possível entendermos o que compreendem estas meretrizes sobre educação? Como a educação pode ser notada como uma ação transformadora na vida desses sujeitos? Qual o papel que ocupa a Promoção da Mulher nas estratégias elaboradas pelas meretrizes? Deve-se isto ao contato com a mídia? Ou à ação da Pastoral da Libertação da Mulher?³³

³¹ A Promoção da Mulher era uma espécie de Posto de Saúde mantido pela Secretaria Municipal de Saúde e pela Obras Sociais da Diocese de Tianguá, espaço para atender as mulheres da Zona do Baixo Meretrício. Os serviços prestados eram consultas, aplicação de vacinas, distribuição de medicamentos, preservativos e outros procedimentos comuns à prática da medicina.

³² Abaixo-assinado enviado ao prefeito Municipal de Tianguá, Tancredo Nunes de Menezes, na década de 1980.

³³ Movimento da Igreja Católica no bairro Governador Ferraz, coordenado por José Maria Pereira. Era uma ação em nível nacional, cujo objetivo era desenvolver estratégias para retirar as mulheres da prostituição.

Desse modo, observamos existir uma preocupação com a formação educacional para algumas mulheres da “ZBM”. Esse aspecto foi possível ser percebido tanto nas narrativas, quanto nos registros dos diários de campo em que víamos o trajeto que os filhos das meretrizes faziam, portando-se do meretrício para a escola. Interpretando o processo educacional como uma dimensão social que foi silenciada pelos gestores públicos, o que vemos é uma preocupação que as meretrizes têm em relação à formação inicial de seus filhos. Pois o estudo, segundo a meretriz A.T.S., poderia dar outro rumo as suas vidas. A pretensão que elas demonstram é a de incentivar e patrocinar o necessário para o sucesso dos filhos, como é enfatizado: “eu passo a noite acordada, bebendo com aqueles machos para dar o sustento e o estudo deles” .³⁴

Até estas linhas, percebemos, durante as entrevistas, a existência de vários “tempos” que se ampliam nos processos das memórias. A relação passado/presente torna-se conflitante no momento que reivindicam para si suas próprias lembranças, movem-se para reelaborar projetos, projetam o futuro. Isso nos leva a observar o papel que o tempo ocupa nas memórias destas mulheres, cuja fragmentação expõe uma subjetividade que cobra atenção do historiador aos filtros das histórias que são verbalizadas e tomadas como referências. Ou como nos alerta Portelli:

Nossa tarefa não é, pois, a de exorcizá-la, mas (sobretudo quando constitui o argumento e a própria substância de nossas fontes) a de distinguir as regras e os procedimentos que nos permitam em alguma medida compreendê-la e utilizá-la. Se formos capazes, a subjetividade se revelará mais do que uma interferência; será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais.³⁵

³⁴ A.T.S., 31 anos, meretriz, residente no bairro Catatau. Entrevista concedida em 19/10/2002.

³⁵ PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996, p. 3-4.

Por outro lado, o tempo do bairro Governador Ferraz é também produzido pelas memórias destas mulheres. Mulheres dinâmicas que souberam elaborar estratégias para lutar contra as instituições que lhes tentaram impor normas e controle. Na exposição do corpo seminu, nas calçadas dos cabarês e nos palavrões, nas ruas, imprime-se a irreverência que, atrelada aos gestos, rompe com as normas urbanas, não só pelo fato de serem mulheres “desordeiras”, mas pela maneira de demonstrarem sua “liberdade”.

Mapear os “fragmentos” das relações familiares, buscando históriá-las, não foi tarefa fácil, principalmente, por entender que o meretrício, seguindo os passos do crescimento urbano, esteve ligado a uma rede de comunicação que movimentava cumplicidade, violência e sexualidade. Claro que estes aspectos foram pontuados mediante certos limites que permearam as diferentes gestões dos espaços públicos da cidade.

No desenrolar do trabalho, as análises foram capazes de trazer à tona, atores e atrizes do cenário noturno da cidade, onde, seguindo o prazer, sexo, boemia, diversão, conflito e “glamour”, foi possível acompanhar algumas trajetórias do meretrício que, na sua movimentação, presenciou uma trama de embates que declinavam a diferença nos processos sociais.

Não posso deixar de ressaltar que o exame dessas trajetórias foi realizado com as “lentes” de historiador tentando buscar, em diversos locais, as formas como estas mulheres engendravam a vida cotidiana. Para isso, tive que elaborar uma estratégia de aproximação. Uma primeira “exploração” perseguiu os indícios das fontes, lançar-me ao cerzir das inquietações e me entregar à pesquisa.

Essas inquietações desembocaram na certeza de que, a cada passo, algo novo se formava, com a sensação de estar “pronto” para avançar e me colocar, frente a frente, com a subjetividade das narrativas.

Acontece que, ao analisar as experiências dessas mulheres, observei que a atividade não estava restrita a comportamentos ignóbeis ou conceitos que foram construídos ingenuamente pela sociedade local, mas permeava referenciais que levaram a perce-

ber a importância de abordar essas personagens da história como cidadãos.

Nesse sentido, procurei desenvolver uma história autocrítica para não me prender à narração de “fatos” aparentemente costumeiros do mundo da prostituição. Ao contrário, o propósito foi alargar a noção de história e sujeito numa perspectiva de construir outras histórias, memórias. Aqui, história e memória são pensadas numa abordagem política. Como indicada pela professora Déa Fenelon,

Para não perpetuarmos visões de um passado mistificado, com acontecimentos cristalizados, com periodizações que pouco tem a ver com as perspectivas que queremos desvendar, há que definir uma concepção de presente, que nos permita atribuir significado ao passado, e mais, que nos oriente em direção ao futuro que queremos construir, ou estaríamos traduzindo em conservadorismo social o culto pelo passado e transformando a memória em instrumento de prisão e não de libertação, como deve ser.³⁶

Para concluir, notamos que a trajetória das narrativas dessas mulheres expressa nuances que rompem com o “roteiro” programado para a entrevista, ou seja, o que podíamos notar, numa primeira visão, como temática fixa. A improvisação da fala, a organização das memórias e a condução das histórias em torno das experiências de vida, liga-se ao passado/presente como estratégias do diálogo entre entrevistador/entrevistado.

O trato com estas narrativas orais nos leva a compreender como os sujeitos expõem sagacidade, ao fazê-lo sentir a cidade e notá-la como ambígua, de passagens, de histórias e memórias, construídas a partir das relações sociais e da contradição, ao tomar experiências diversas que costuram em suas lembranças fragmentos, cabendo ao pesquisador propor indagações e se apropri-

³⁶ FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? *História & Perspectivas*. Uberlândia, n. 6, p. 5-23, jan.-jun. 1992, p. 7.

ar das narrativas como “sinais de valores, [...] indícios de como os homens se relacionam e vêem-se a si mesmos [...]”.³⁷

Há, portanto, que ter a consciência de que precisamos avançar no sentido de analisar o complexo uso que fazemos das narrativas de pessoas “comuns”: que relação é possível estabelecer entre entrevistador e entrevistado? Quais diálogos construímos? O que produzimos? O que fazer com estas entrevistas? Como preservá-las? Enfim, necessitamos dialogar sobre a ética e a responsabilidade do uso que fazemos de tais histórias de vida, sobretudo, porque estamos lidando com pessoas vivas, que expressam sentimentos, modos de vida, projetam o futuro...

Recebido em setembro de 2009
Aprovado em outubro de 2009

³⁷ VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. História e linguagens: o desafio da pesquisa com imagens. *Essentia*. Sobral, v.1, n.1, nov./mar. 1998/1999, p. 83.